

NASCER, ADOECER E MORRER NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CÓRREGO DO CUBA: TRADIÇÃO E MODERNIDADE¹

■ ANDERSSON JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA

 <https://orcid.org/0000-0001-7036-0309>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

■ CAMILA DA SILVA COSTA

 <https://orcid.org/0009-0006-4409-5402>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

■ YURI ELIAS GASPAR

 <https://orcid.org/0000-0002-4217-4848>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

■ ROBERTA VASCONCELOS LEITE

 <https://orcid.org/0000-0003-3110-0509>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

RESUMO

Objetivamos compreender saberes tradicionais sobre nascimento, adoecimento e luto em uma comunidade quilombola: Córrego do Cuba (Chapada do Norte / MG), lugar ao qual o primeiro autor pertence. Nesta pesquisa autoetnográfica, realizamos entrevistas semiestruturadas, analisadas fenomenologicamente. Compreendemos que o nascimento é um convite, chamado para acolher a vida e o natal da criança: a esperança brotou! Quando um membro adoecer, todo o corpo coletivo sofre, sente compaixão e se empenha nas tarefas de cuidado e consolo. Na partida do irmão, vem o luto: dor, esperança e fortaleza para celebrar sua páscoa. Os três momentos unem todos para celebrar, rezar, lamentar, reafirmando a unidade e reunindo a comunidade. Os saberes tradicionais buscam dar conta da complexidade da vida que é festa e dor, sem esquecer nenhum elemento. A modernidade trouxe saberes médicos para os três momentos, e a comunidade os acolhe, relembando fazeres antigos e

¹ A pesquisa recebeu financiamento por meio de bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico para a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (Edital 01/2020 PIBIC/CNPq).

dialogando com novidades, sem perder sua essência. Nesta pesquisa fizemos memória e redescobrimos o significado de ser comunidade: não viver sozinho nem para si mesmo, conviver!

Palavras-chave: Cultura Tradicional. Saúde. Pesquisa Etnográfica.

ABSTRACT

BEING BORN, GETTING SICK AND DYING IN THE CÓRREGO DO CUBA QUILOMBOLA COMMUNITY: TRADITION AND MODERNITY

We aim to understand traditional knowledge about birth, illness and mourning in a quilombola community: Córrego do Cuba (Chapada do Norte / MG), a place to which the first author belongs. In this autoethnographic research, we carried out semi-structured interviews, analyzed phenomenologically. Birth is an invitation, a call to welcome the child's life and Christmas: hope sprouted! When a member becomes ill, the entire collective body suffers, feels compassion and engages in the tasks of care and comfort. When the brother leaves, mourning comes: pain, hope and strength to celebrate his Easter. The three moments bring everyone together to celebrate, pray, mourn, reaffirming unity and bringing the community together. Traditional knowledge seeks to account for the complexity of life, which is celebration and pain, without forgetting any element. Modernity brought medical knowledge to the three moments, and the community welcomes it, remembering old practices and dialoguing with new ones, without losing its essence. In this research we remembered and rediscovered the meaning of being a community: not living alone or for oneself, living together!

Keywords: Traditional culture. Health. Ethnographic Research.

RESUMEN

NACER, ENFERMAR Y MORIR EN LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DEL CÓRREGO DO CUBA: TRADICIÓN Y MODERNIDAD

Nuestro objetivo es comprender los conocimientos tradicionales sobre el nacimiento, la enfermedad y el luto en una comunidad quilombola: Córrego do Cuba (Chapada do Norte / MG), lugar al que pertenece el primer autor. En esta investigación autoetnográfica se realizaron entrevistas semiestructuradas, analizadas fenomenológicamente. Entendemos que el nacimiento es una invitación, una llamada a acoger la vida del niño y la Navidad: ¡ha florecido la esperanza! Cuando un miembro enferma, todo el cuerpo colectivo sufre, siente compasión y se involucra en tareas de cuidado y consuelo. Cuando el hermano se va, llega el luto: dolor, esperanza y fuerza para celebrar su

Pascua. Los tres momentos reúnen a todos para celebrar, orar, llorar, reafirmar la unidad y unir a la comunidad. Los conocimientos tradicionales buscan dar cuenta de la complejidad de la vida, que es celebración y dolor, sin olvidar ningún elemento. La modernidad trajo los conocimientos médicos a los tres momentos, y la comunidad los acoge, recordando viejas prácticas y dialogando con otras nuevas, sin perder su esencia. En esta investigación recordamos y redescubrimos el significado de ser comunidad: no vivir solos ni para uno mismo, ¡vivir juntos!

Palabras clave: Cultura tradicional. Salud. Investigación etnográfica.

Introdução

Pertencço² à comunidade Córrego do Cuba, município de Chapada do Norte. Situada na microrregião do Alto Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais, a cidade abrange uma área territorial de 828 km². E a sua população no último censo demográfico era de 15.189 habitantes (IBGE, 2010).

Distante 7 km da sede, Córrego do Cuba localiza-se dentro de um vale. É um quilombo dotado de Registro e Certificação pela Fundação Cultural Palmares, por meio da Portaria n.º 78 de 13 de fevereiro de 2017 (BRASIL, 2017). A comunidade apresenta 72 casas totalizando 237 pessoas. Mas, devido à migração sazonal, em 2021, esse número se reduz a 58 famílias com 170 pessoas.³ Somos descendentes de afro-brasileiros escravizados: homens e mulheres que lutaram por liberdade no século XVIII e, nesse processo, construíram quilombos. Negros fortes e devotos de Nossa Senhora do Rosário. Indivíduos que geografaram suas histórias com suor e sangue; e desse martírio, a esperança que não decepciona!

Segundo o *Seu Joaquim*⁴, os nossos ascendentes cativos foram obrigados a garimpar

ouro nas margens de certo riacho. Mas um “*chefe que também era moreno*” vigiava impetuosamente “os pretos” e dizia: “*estou te cubando*”, que significa estou te vigiando. Por isso, esse arroio ficou conhecido como córrego do Cuba, o regato daquele que nos perturba. Mas a maldade de um traidor pode chegar ao extremo: o derramamento de sangue. Os antigos dizem que o opressor, para deixar uma lição aos demais irmãos, levou um negro (acusado não se sabe ao certo de quê) até um local alto, e ali o sacrificou ao deus ódio, cortando cruelmente a sua cabeça. Tal lugar é conhecido até hoje como Cabeça de Negro⁵. Alguns resistentes tinham fugido para o norte, do outro lado da montanha, mas foram capturados sob a exclamação do seu algoz: “*Achi os pretos fujões*”, por isso esse lugar é conhecido até hoje como “*Córrego do Axi*”, pequeno riacho que encontra-se com o Cuba em um local onde ambos tornam-se um só, e juntos meandram rumo ao rio Araçuaí.

O Brasil, terra de Santa Cruz. Chapada do Norte, Arraial de Santa Cruz da Chapada. E o nosso Cuba também nasceu em meio a tantas dores e cruces. E desse parto, um lar! Hoje, Córrego do Cuba não é mais o lugar daquele que vigia; nem mesmo o nosso riacho remete

2 Optamos pela escrita na primeira pessoa do singular quando sobressai a voz do primeiro autor na narrativa do modo de vida da sua comunidade.

3 Informações fornecidas pela Secretaria de Saúde do Município de Chapada do Norte.

4 Ancião já falecido. Quando ainda vivo, tivemos uma conversa, em 2014, sobre a história da comunidade.

5 Cabeça de Negro: lugar próximo ao caminho que liga Córrego do Cuba a outras comunidades quilombolas.

ao referido sentinela da nossa acerba história. Cuba, para nós, significa *Casa!* É a nossa terra, onde canta o Bem-te-vi, o Azulão, a Maria Preta, e tem aroeiras, palmeiras... Aqui habita o nosso povo santo e pecador.

Toda cultura é um fenômeno complexo e dinâmico. Mostra-se como um jeito de ser gente, como nos diz Sanchis (2009), intrinsecamente vinculado às relações humanas. Partindo, então, do modo de ser cubano e das nossas memórias, pontuo algumas características típicas da comunidade.

É um lugar formado por pessoas simples, lavradores e anciãos. Nesse recanto, as mulheres ocupam lugares de destaque. São as principais responsáveis pela formação religiosa e cultural. Gestoras das questões financeiras da própria casa. E ainda zelam pelo bem comum por meio da Associação Comunitária⁶. Mulheres guerreiras, mães e esposas fieis!

Homens fortes. Pais. Migrantes sazonais. Boias-frias. Matuto disposto a deixar mulher e filhos para prover-lhes o sustento. Viajam para outro Estado para trabalhar no plantio e corte de cana-de-açúcar, e também nas safras de outras culturas. Permanecem nessa labuta de oito a dez meses. Algumas mulheres acompanham seus maridos nessa missão. Outras vão para a safra de café, três a quatro meses e, assim, retornam primeiro. E as mulheres que ficam na comunidade, além das questões particulares do seu universo familiar, cuidam dos horizontes da vida comunitária.

Acabada a safra é hora de retornar! Alguns chegam mais cedo. Porém, a maioria volta em dezembro. Mês da festa da nossa padroeira, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, deslocada do calendário litúrgico, pois no Córrego do Cuba é festa do reencontro. Comunidade cheia. Coração bate mais forte. É Natal do Nosso Senhor! E poderemos cear juntos agora, por

⁶ Associação Comunitária de Desenvolvimento Quilombola do Córrego do Cuba. Criada no final de 2006, obteve registro em 2007.

todos os meses ao longo do ano que ficamos separados.

A festa da padroeira é marcada pela mobilização de toda a comunidade para o serviço. Antecipadamente dois voluntários se dedicam ao ofício de festeiros: um homem e uma mulher que figuram o rei e a rainha – devotos que geralmente estão cumprindo uma promessa. A estes fiéis cabe a missão da liderança na preparação da festa, delegação das tarefas, arrecadação de recursos, convites e animação. A festa é composta por três pilares importantes: devoção, reencontro e comensalidade. Tudo começa com a reza do ofício da Imaculada ou o terço mariano cantado ou rezado – geralmente na casa dos festeiros –, seguida da procissão até a Capela, participação na Missa e preparação para o levantamento do mastro. O rei e a rainha, portanto, são os primeiros responsáveis por carregar o andor de Nossa Senhora Aparecida, enquanto a comunidade clama com eles: *“Viva o Rei e a Rainha!”*. Após a Missa, entoam-se várias músicas e danças ao som da zabumba, sanfona, pandeiros, violão, palmas – em frente à Capela. Em determinada hora, o rei e sua corte gritam: *“Vamos todos tirar o chapéu!”* e todos respondem: *“Nossa Senhora lá vai para o Céu!”*. Acontece o levantamento do Mastro da Santíssima Virgem – ao som de fogos de artifício. Na sequência, há uma mesa de leilões⁷ e muita alegria marcada pelo reencontro dos conterrâneos. Posteriormente, ocorre o tradicional forró que se estende durante toda a madrugada com os comes e bebes. Pela aurora todos se reúnem perto do mastro para a conclusão da festa e cantam-se músicas específicas para a descida da bandeira: *“Ó, Minha Nossa Senhora que dia que é? Até o próximo ano se Deus quiser!”* (bis).

⁷ A mesa de leilões é composta por doações de todas as famílias da comunidade – pratos saborosos, bebidas, produtos da roça e animais vivos –, cuja renda deve ser destinada para a construção e manutenção da Capela.

Terminados os dias da festa, ano novo chega. Em janeiro começam a ir embora os membros visitantes⁸. E a partir de fevereiro os nossos pais começam a coçar a cabeça: “*É! Já tá na hora de subir a serra*”. Recordo-me da minha avó que dizia, citando “*os velhos*”: “*a casa do homem é o chapéu*”. E compreendo o que significa esse provérbio. A casa do meu pai é pequena o suficiente para levá-la consigo, no coração, para onde for. Mas grande o bastante para abarcar a imensa missão de cuidar da sua casa, sem tirá-la do pensamento.

Nossa expressão religiosa mais forte é o catolicismo. Muitos dos nossos vivem também um sincretismo religioso da fé católica com crenças e práticas de matriz afro-brasileira enraizadas, transmitidas ao longo das gerações. Não sabemos da origem exata da adesão individual e comunitária à fé cristã. Segundo a Vó Júlia, anciã que viveu mais de 100 anos: “*Padres que passavam pelo caminho batizavam a gente, e as nossas crianças!*”. O que sabemos é que a religiosidade da comunidade é tão antiga quanto a origem do município. Observamos isso pela tradicional Festa de Nossa Senhora do Rosário, festejada há mais de dois séculos, de forma ininterrupta, marcada fortemente pela presença das comunidades quilombolas do município.

Fontes documentais apontam que a celebração ocorre desde meados do século XVIII, como forma de devoção dos membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Libertos e Cativos, da Freguesia da Santa Cruz da Chapada do Arcebispado da Bahia, a antiga toponímia da Irmandade do Rosário de Chapada do Norte. A Irmandade do Rosário foi uma das muitas Ordens Terceiras da Igreja Católica

⁸ Moradores visitantes: indivíduos que não moram mais na comunidade e ainda mantêm vínculos com o lugar; têm o hábito de vir à comunidade todos os anos ou sempre que possível. Diversas circunstâncias da vida os fizeram migrar, na maioria das vezes, em busca de trabalho efetivo, estabilidade financeira e/ou tratamento médico. Alguns outros mudaram para o meio urbano do próprio município.

responsáveis pela catequização no interior da América Portuguesa e principalmente nessa região que esteve ligada, durante vários anos, aos sertões do sul da Bahia. (IEPHA, 2018, p. 15)

Nesse percurso de pesquisa, objetivamos compreender como práticas populares em saúde se articulam a saberes tradicionais no nascimento, no adoecimento e no luto na vida pessoal e comunitária dos cubanos chapadenses.

Adotamos a fenomenologia clássica de Husserl (2012) e Stein (2003) como referencial teórico-metodológico. Esta corrente insiste na pergunta pelo que é o ser humano e seus processos constitutivos partindo da pesquisa da experiência e, portanto, chegando a compreensões que se apresentam como uma provocação uma vez que ancoradas no empírico, porém não limitadas ao empiricismo. Compreensões que atestam a viabilidade de uma ciência aberta para a totalidade dos fatores em jogo quando se trata do ser humano. Ciência rigorosa, mas que não se pretende exaustiva, posto que reconhece que a realidade é mais do que conseguimos pensar, o que não impede que busquemos compreendê-la, deixando-a viver (ALES BELLO, 2004).

Caminhos da pesquisa

Alicerçados no referencial teórico-metodológico da Fenomenologia Clássica, delineamos a autoetnografia como matriz deste trabalho. Autoetnografia é um método específico no rol das metodologias qualitativas. Para Santos (2017, p. 219),

O que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a *inclusão da experiência do sujeito pesquisador* tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como *memória, autobiografia e histórias de vida*, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior

ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.). (...), *o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas.* (grifo nosso).

Versiani (2002) chama atenção para a pertinência dessa metodologia como forma de que pessoas ligadas a grupos comunitários possam realizar reflexões sobre sua própria inserção social, histórica e identitária, podendo também alcançar visibilidade política.

Destacam-se a profundidade e a originalidade da etnografia pessoal. Em atitude introspectiva, o pesquisador realiza o movimento de olhar para as experiências vividas, suas e de outros, faz memória, e deixa vir à tona reverberações. O ponto-chave desse gênero etnográfico é a escrita pessoal, autobiográfica, testemunhal e evocativa. “Nesse sentido, a autoetnografia se mostra como uma abordagem que reconhece e envolve a subjetividade, a emotividade e a perspectiva do pesquisador sobre a investigação”. (SANTOS, 2017, p. 224).

Ao longo da realização do trabalho de campo, seguindo as provocações de Brandão (2007), foram realizados registros de conversas, lembranças, inspirações advindas das trocas de cartas que tive com membros e ex-moradores sobre a temática, e especialmente no dia a dia na comunidade. A partir da colaboração dos irmãos que me confiaram suas histórias, guardadas especialmente no meu coração, e, com as autorizações dos seus autores e locutores⁹, as reescrevi, registrando as nossas experiências em diário de campo. Posteriormente, em atitude fenomenológica, o texto foi estruturado como narrativa pessoal e etnográfica.

Nas conversas, visitas e entrevistas (e na convivência) revivi cenas da minha história; recordei acontecimentos da minha infância;

9 A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM (CAAE 08175219.2.0000.5108) e os participantes indicaram no TCLE seu desejo (ou não) de que sua identidade fosse revelada.

escutei, acolhi e anotei os causos a mim confiados; fizemos memória, e pude redescobrir o significado de ser comunidade.

Topofilia!

Quanto enche os meus olhos de beleza contemplar-te, ó minha terra. Sua topografia nos protege. Perfeito É quem te esculpiu, vagorosamente, ao longo de milhares de anos. Foste tu, ó vale, outrora canto de lágrimas e morte, transformado em vale de vida e esperança. Ó antigo esconderijo dos *pretos fujões* e, agora, abrigo seguro dos seus descendentes. És tu a nossa casa.

Sonhos de liberdade e paz nos uniram em teu solo! *A união fez a força*. E desde então, comunidade estabelecida, a *re-união* revela ao longo dos séculos a nossa tradição: nas festas, procissões; nos momentos de alegria e de tristeza; no manejo do roçado, nas labutas do dia a dia; ou bateando. A reunião fortalece a unidade do teu povo, ó Cuba!

Nos teus veeiros acharam riquezas... Batear a tua areia é *procurar o que a gente não guardou!* Alegria contagiosa e fé!

– *Procurando o que a senhora não guardou, comadre?*

– *Sim, compadre!*

– *Hoje tá tendo sorte, minha comadre?*

– *Uai, compadre. Pedi ao Bom Jesus e se Ele me dá a sorte, né; aí eu vou lá na Lapa agradecer ao Nosso Senhor! A gente tem que dizer que tá com sorte, uai, né, pra Ele dá a sorte, uai!*

Ouro de Cuba, ver-te no fundo da bateia brilhando é uma alegria única; silêncio e perseverança são ferramentas indispensáveis para te encontrar. É com humildade que te colocamos no coité e, mais tarde, próximo do fogão de lenha, apurar-te para guardar em simples papel enrolado em um pedaço de tecido com *três nós*. Ó pequeno embrulho, providência de

Deus, serás trocado e convertido em alimentos, joias ou no cumprimento de uma promessa.

Mas com o tempo, ó córrego, perdestes a perenidade. Recordo-me da cacimba da cachoeira onde buscávamos água para beber. Ali desde pequenino aprendi a me colocar no lugar de outra pessoa; e também a pensar nos animais que também precisavam saciar a sede. Após encher o balde da mamãe e as nossas pequenas moringas deixávamos a cacimba limpa para os próximos. Todos sabíamos que certamente os passarinhos, as cobras e os outros bichos bebiam água ali. *“Se a gente tiver nojo e soberba, a água poderá secar, meus filhos; o que não mata engorda!”*; exortava a minha avó¹⁰. Entretanto, tua água deixou de verter um dia. A partir daí, cavamos cisternas para encontrar-te, ó *olho d’água*. Mas não foi o suficiente para todos. Mais recentemente furaram poços¹¹ ainda mais profundos. E, quando compreendemos os erros passados, buscamos te conservar¹², ó nascente, para que permaneça viva e um dia volte a trazer aquela beleza de antes a todo o riacho, e – novamente pujante – permaneça fluindo até o seu rio.

Nascimento: a vida se renova

Há algumas décadas, *“para as grávidas, só tinha parteiras; médico só em pensamento”* (Ana Aparecida Ferreira Dias).

Para a Maria Aparecida (56 anos), mãe de 7

10 Minha avó materna!

11 Poços artesanais. Há 3 na comunidade mais 1 em solo vizinho que também pertence ao Córrego do Cuba. O próprio crescimento da comunidade e as antigas práticas de roçado, queimadas e desmatamento das margens do córrego levaram primeiro à perda da perenidade do córrego, depois as águas da maioria das cacimbas secaram, e posteriormente houve também a diminuição da perenidade das cisternas (poços de mais ou menos 6 metros). Atualmente, 99% da comunidade depende dos poços artesanais.

12 A partir de um projeto desenvolvido pelo CAV- Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica na comunidade, foi realizada a construção de pequenas barragens nas grotas, ao longo do córrego, e foi delimitada uma área de proteção ao redor da nascente.

filhos, a gravidez *“é uma surpresa”*. Sua primogênita (Cláudia) nasceu pelas mãos da Maria Cirina¹³ – parteira famosa –; no segundo parto (vez da Calcida¹⁴) contou com a presença da saudosa Júlia Severa¹⁵ – Vó Júlia; os dois do meio (Claudinei e Fabiana) nasceram no hospital, e o casal de gêmeos (Danilo e Daiana) e o caçula (Kaiky) nasceram pelas mãos da sua mãe – Alice Borges Vaz¹⁶ – parteira mais conhecida pelo seu dom de benzer.

Gravidez é motivo de alegria e de compartilhamento. A comunidade entra em expectativa para o advento da criança. É um anúncio antecipado de festa. Tempo de oração por esse ser humano, tão pequenino, em desenvolvimento intrauterino; e pela mãe. Nesse momento, a condição da gestante demanda ainda mais cuidado e atenção, os membros sentem-se impelidos à solidariedade. Entretanto, todas as mulheres trabalham duro até praticamente no dia do parto. *A vida não para*. Verdadeiras guerreiras.

A Sra. Roseli Aparecida (44 anos) – minha mãe Rosa –, casada em 1994, mãe de 9 filhos sempre trabalhou durante suas gestações, praticamente até na hora que entraria em trabalho de parto: sua primeira filha, Andressa, nasceu em 19/09/1995 numa fazenda de café em Capelinha. Eu nasci em 01/09/1996 na terra – a

13 Parteira já falecida, e ainda bastante lembrada. Segundo a Ana Aparecida Ferreira ela *“era anjo de Deus na terra: Sra. Maria Cirino – vô do Cláudio de Ana Lúcia –; era também benzedeira, muitas vezes não precisava nem está na frente dela; só levava o nome da pessoa a ser benzida já ficava curada.”* Já ouvi dizer que tinha origem indígena.

14 Faleceu com cerca de três anos de nascimento.

15 Avó de todos os bebês que ela acolheu, que *cortou e curou* o umbigo. Era tão reverenciada, que todas as crianças e jovens chamavam-na de *Minha Vó* ou, simplesmente, *Vó Júlia!* Venerada com o título de Avó da Comunidade, a anciã faleceu no dia 09 de agosto de 2019, com mais de 100 anos de existência! Grande parteira. Ficou reconhecida especialmente pela sua idade avançada em perfeita lucidez, sabedoria e bondade: repartia tudo o que tinha com todos. Morava no Axi, um recanto histórico do Córrego do Cuba.

16 Minha avó materna. Ainda criança desejou ser chamada de Bia; ficou conhecida como Alice Bia, a benzedeira!

caminho do hospital, em Cajuru – SP, depois de um dia de trabalho intenso na apanha de café. Fui acolhido pelas mãos da minha avó materna e pelo auxílio da minha madrinha de batismo Sebastiana, conhecida na comunidade como “Ba”. O terceiro filho, Clodoaldo nasceu em 07/09/1997 pelas mãos da Vó Júlia, na casa da minha avó Alice Bia. O quarto filho, Ismael, nasceu em 16/11/1999 na casa dos meus pais, sem assistências de parteira no momento do parto. O quinto filho “*está no Céu*” (gravidez sofreu aborto espontâneo). Os demais filhos nasceram em ambiente hospitalar, porém, foram todos sem assistência de profissionais de saúde no momento do parto: Carla em 05/02/2004, Enzo em 16/11/2011, Sarah em 28/09/2015 e Elias em 28/09/2020. Como diz Rosa, minha mãe: “*a minha Parteira nunca me deixou só: ela que é a Mãe de Deus e nossa Mãe!*”

Recorda a Dona T. ¹⁷(75 anos):

A gente ganhava os meninos, mas era em casa, porque não existia médico. (...). Mas hoje você vê a diferença que tá, né? Já não é igual esse tempo ‘pra trás’. (...) Não tinha pré-natal, (...), quando a gente sabia o que que era o filho da gente era quando ele chegava, né, quando Deus mandava ele. (...). É! Era uma surpresa! (...) Quando o neném chegava que a gente sabia o que era [sorrindo]. Era uma surpresa! Agora quando aquele neném nascia, Oh minha Nossa Senhora! era uma festa: tinha a queimada¹⁸, e convidava os vizinhos, fazia aquela vasilha de sopa muito bem feita. E vamos tomar e comer sopa!

O nascimento de uma criança é motivo de muita alegria. É sinal de graça. O bebê e a mãe recebem visitas durante 30 dias. Todos querem ver a “*carinha nova*”, e lhe dizer aquelas palavras proféticas: “*Deus lhe faça um santo ou Deus lhe faça uma santa*”. Temos o hábito de

¹⁷ Não deseja ser identificada.

¹⁸ Pinga queimada com açúcar mais *enxota*, nome popular da *Tagetes minuta* L, cujo aroma característico é bem marcante! Tal bebida/ “queimada” também pode ser composta por açúcar e arruda (*Ruta graveolens* L).

dar presentes e dinheiro para a criança. “*O dinheiro é para abrir a sorte*”, dizem os mais velhos. E acrescentam com fé: “*Que bons olhos te vejam*”, benzendo o corpo do bebê para que “*olho gordo*”¹⁹ não lhe possa causar alguma moléstia. “*Livre de mau-olhado, abismo passado, olho excomungado*”²⁰..., as anciãs dão outras dicas preciosas para as mães inexperientes afugentarem todo mal que possa prejudicar o inocente. “*O sujo não tem poder sobre os batizados*” – revela a sabedoria dos nossos avós, portanto todos já sabem: é preciso batizar o mais cedo possível. “*A criança não pode ficar pagã*”.

A festa do nascimento é simbolizada no grande prato especial que não pode faltar, a *sopa*. “*A gente pode até comê-la noutros momentos, mas nunca tem o mesmo sabor da sopa do neném!*”.

Na verdade, a *sopa* não se refere a um caldo, *sopa* é o *escaldado*. Uma amiga do interior de São Paulo me garantiu que lá eles chamam de *polenta* e “é quase a mesma coisa”, mas provando depois o “similar” vi que a nossa *sopa* continua singular. Como é preparada a *sopa*? A *sopa* é um banquete: do caldo do frango caipira faz-se o *escaldado* com farinha de milho (e não fubá como a *polenta*), temperos caseiros, e muito amor. Na hora de servir, a pessoa coloca primeiro o *escaldado*, depois os pedaços de frango à vontade... e para os adultos, a *queimada* – pinga queimada em um prato com açúcar mais *enxota* – antes de comer. Essa be-

¹⁹ Olho gordo é inveja, “olho que cresce”, “coração ruim”. Mas também remete a uma admiração exacerbada da “boniteza” de alguém (“mau-olhado de gosto”) como a admiração inevitável a um recém-nascido, por exemplo. Isso provoca um mal-estar que é sentido como uma “carga negativa”, “o corpo fica pesado, a gente fica abrindo boca, e sem disposição para qualquer coisa”. Para tratar tal moléstia, os mais velhos recomendam banho com sal grosso e benzedura; para prevenir: um galho de arruda em umas das orelhas, ou vestir a peça íntima ao avesso e, no caso da criancinha, vestir a blusa de dentro ao avesso ou portar consigo algum símbolo sagrado como a cruz, ou um talismã.

²⁰ Reza/oração contra o mau-olhado.

bida é tradicional; na hora do convite é comum dizer assim: “– Mãe mais papai pediu para avisar o senhor e a senhora: vem cá em casa ver a carinha nova, comer a sopa e tomar a queimada mais nós!”.

O puerpério é sagrado na comunidade como tempo de resguardar, que significa “guardar com cuidado”. É tido pela comunidade como um ritual *fino*: não se pode, portanto, quebrá-lo. “Quebrar o resguardo é perigoso”; pode causar graves complicações à saúde física e emocional da mãe. As parteiras recomendavam além do repouso obrigatório de 30 dias – caso o nascituro fosse menina – ou de 40 dias – se o bebê fosse do sexo masculino – dietas específicas, para ambos os casos.

“– Depois do parto o juízo fica leve, minha filha, a escadeira afrouxa, e a gente precisa amarrar um pano na cintura, e ficar no quarto deitada de repouso, senão pode magoar a mãe do corpo”, advertia a minha avó Alice. Em alguns casos, também colocava-se algodão para tapar os ouvidos e uma fralda na cabeça, de tal modo que a mulher pudesse ficar sem escutar ruídos, em bastante silêncio e recolhimento; era vedado qualquer barulho ou incômodo externos. A criancinha deveria ficar no quarto por 8 dias, era o tempo que demorava para abrir os olhos, e tomava-se o cuidado com o manuseio das lamparinas para que a luminosidade não fizesse com que a criança ficasse zarolha. Hoje os bebês nascem com os olhos abertos!

“– A única cicatriz com boas lembranças é o umbigo; me faz lembrar que estive ligado a outra pessoa de uma forma que nunca mais estarei.” (DIAS, K. B.²¹).

Os 7 primeiros dias do nascituro são marcados pelo grande zelo na *cura* do seu umbigo. Curar o umbigo do bebê exige ciência e sabedoria das mães experientes e das avós (partei-

ras)! – “Com rapé e azeite, cai com 5, 6, no máximo 7 dias!” (Roseli Aparecida). Mas ressalta a Sra. T.:

Já não pode mais por rapé no umbigo. Inclusive eu estou com uma neném lá no São Paulo que nunca mais (coitadinha) cai o umbigo, porque só põe álcool. E aqui com 8 dias o menino já estava livre do umbigo. Era o rapé. O azeitin’. Tudo molhadinho ali, e num instantin’ caía. Agora, hoje não. O pobrezinho fica ali com o umbigo seco. O quê que álcool segura? Não segura! Mas hoje tem que ir, cumprir a regra que tá. Vai nós fazer isso, fazer um unguento e pôr no umbiguin’ que os médicos até xinga a gente. É. Se ele souber, ele xinga.

Adoecimento: compaixão!

“Benzimento” é o que tinha pra amenizar as doenças, tinha também os chás (...) de vários tipos de mezinhas²², promessas, quarentena, muitas rezas... Remédio de farmácia só Cibalena, Biotônico Fontoura e Emulsão Scott, mas quase sempre não podia comprar!

No adoecimento, a compaixão era grande a ponto de muitas vezes ou a gente ia pra casa do doente ajudar ou o doente podia ficar em nossa casa até melhorar, tudo por amor, sabendo que se a gente precisasse também era cuidado. (Ana Aparecida Ferreira Dias).

A dor alheia importa. Recordo-me do Seu Joaquim (1941-2018†) que sofreu de esclerose lateral amiotrófica (ELA). Quantas vezes o visitamos para não deixá-lo sozinho. Quando a doença piorou, já sem movimento dos braços e das pernas, totalmente dependente, a co-

21 Kaio Bruno Dias: “Professor de linguagens, mestre em linguística pela UnB e autor de livros e canções sobre o cotidiano”, texto compilado do facebook do autor (<https://www.facebook.com/kaiobrunodias>).

22 Mezinhas: refere-se desde compostos amargos mais simples como um chá de boldo e outras mezinhas frescas a beberagem (porção a partir da misturas de diversas plantas medicinais) – mezinhas cozidas –, ou mais complexo ainda, como as garrafadas que geralmente utilizam álcool; estas por sua vez são especialidades dos raizeiros. Mas também mezinha é sinônimo de pinga com algumas raízes e sementes medicinais, então, quando a gente diz: “a mezinha”, dependendo do contexto, é uma referência a pinga misturada com ervas e raízes medicinais, que, diga-se de passagem, tem na casa de quase todo cubano chapadense!

munidade permaneceu presente até o dia em que ele descansou. Ainda quando o vi pela última vez, ele me disse que não podia reclamar da sua condição física, porque estava perfeitamente lúcido, podia conversar com os seus amigos, sorrir e rezar e ainda estava ciente de tudo à sua volta. Algumas vezes nos reconfortou com as seguintes palavras: *“é difícil não poder trabalhar e ainda dar trabalho para os parentes, mas não posso reclamar, porque em algum lugar por aí há pessoas sofrendo problemas piores do que os meus”*.

Sentir-com a pessoa e estar ao seu lado, sobretudo nos momentos mais difíceis da vida, é próprio do povo cubano chapadense.

Como diz aquela canção, lindamente cantada pelos antigos, qual seja:



*Se eu fosse um galho de alecrim
eu não queria morrer
Ficaria na beira do caminho
fazendo sombra pra você.*



Fazer sombra nessa canção significa *amparar o outro* que passa por um momento obscuro. Somos chamados a ser abrigo à beira do caminho, irradiando luz e esperança, como galhos de um arbusto que é sempre verde. Visitar o enfermo é levar conforto; é tocar-lhe na alma com a presença e o olhar da comunidade. Muitas vezes bastava sentar-se na beira da cama, ouvir as lamentações sem desviar os olhos e, após um instante de silêncio, fazer memória.

Quando o coração começou a bater já existia vida. Desde que inicia as suas batidas involuntárias continuará assim até o último instante. É uma bomba de amor que com seu ritmo e compasso trabalha desde cedo a favor da vida. Cada célula, cada órgão, sistemas, todo o or-

ganismo é importante, mas mereceu o coração ser considerado *locus* do sentir. Sentimos com o corpo, verdade, mas é o coração que responde: *Tum. TUM. Tum. TUM*. Quando ele se cansar, ficar fraquinho e... e der a sua última batida, a pessoa expira.

A comunidade também tem um coração. Sua pulsação é sentida pela cultura. Suas batidas mais potentes ressoam em momentos de festa. Nessa pandemia encontra-se um pouco agitado, preocupado e aflito, mas esperançoso.

Sobre as práticas populares para promoção de saúde e cura, Ana Aparecida Ferreira Dias narra casos que revelam dons especiais de alguns membros da comunidade:

Tinha uma particularidade da minha irmã que cresci ouvindo meu pai dizer: quando ela tinha 5 anos de idade, nossa mãe deitou com muita dor de dente; e, de manhã ainda escuro, Ba acordou nosso pai pra ele abrir a porta – ela precisava ir no quintal –. Nosso pai fez o que ela pediu, no escuro. Ele disse que ela pegou 5 qualidade de mezinhas, voltou, pediu caneca e água, colocou as mezinhas; disse pra ele pôr no fogo! Quando perguntou o que estava fazendo, ela dizia que era remédio pra o dente da mamãe. Ele contou tudo pra nossa mãe – pediu pra tomar o chá e fazer gargarejo – mas a mãe não tomou nem fez o gargarejo. Meu pai perguntou: “por que você não tomou o chá?”. Nossa mãe disse que não queria ela curando, senão ela ia deixar de ser criança de tanta gente que viriam atrás de cura.

Mãe é mãe! Entendo que a nossa mãe só queria proteger ela. Nessa época tinha muito curandeiro e uma criança de 5 anos fazendo chás poderia ser muito perigoso! Os anos passava e ela sabia tudo, mesmo antes da gente contar pra ela! Quando nosso pai faleceu – 1969 – ela estava grávida do Pedro. Nosso pai faleceu em Chapada às 19 horas. Chegamos na casa dela. Nossa irmã, Rita, entrou como se fosse visitar. Ela disse: “cadê a mãe e a Ana pra nós ir pra Chapada?”. Rita disse: “fazer o que em Chapada?”. Ela disse: “pelo jeito você ainda não sabe o que aconteceu com nosso pai!”. Todos ficamos de boca aberta – nós sem saber como falar – ela já sabia sem ninguém dizer. Era muito mais acontecimentos.

Assim era sua avó Bã, neta de índio, mas o falar em línguas era o Dom mais lindo que só quem merece e é especial tem esse Dom do Espírito Santo de DEUS.

Há um segredo escondido no coração de Cuba: sua profunda espiritualidade. Trata-se de uma comunidade espiritualizada, um povo religioso. Não existem ateus entre nós. Tal religiosidade nos conduz à autocrítica sempre que necessário e é continuamente preciso. É uma fé simples, algo de dentro, gravada na tábua do coração de cada um. Lugar que tem Deus como Senhor. As pessoas conhecem Deus; sabem que Deus É aquele que É. Isso é muito claro: se tirar Deus da comunidade tira tudo, não sobra nada. Todo o sentido de festejar a vida é porque, para nós, foi criada por Deus; nos foi dada e confiada por Ele. E o sentido de cuidar de alguém que adoece é porque, antes de tudo, é para Deus. Todo o sentido de cuidar do irmão morto é porque na verdade ele foi morar no Coração de Deus: a Comunidade perfeita onde há a verdadeira paz e amor sem fim!

Por isso precisamos ir de encontro à comunidade e não de desencontro, porque a vida comunitária também é marcada por desencontros que muitas vezes geram grande sofrimento. *Deus é amor!* Essa certeza nos encoraja a vivência de um amor fraterno sincero. Assim seguimos avante.

Luto: a última festa

O luto é marcado pela dor da perda, e pelas condolências da comunidade; ferida ressonante que convoca a todos na casa que passa por este vazio, o luto é chaga que tornar-se-á *uma cicatriz* ou não. Nos reunimos para confortar os parentes e velarmos o corpo do irmão. Velório é o nome dado a esta reunião inadiável por tratar-se de um dia de vigília.

O corpo é velado durante 24 horas na residência do falecido. Sempre haverá um Bastião

ou uma Bastiana – pessoa forte – para organizar o evento, distribuir tarefas, avisar os parentes de longe, convidar todos os amigos e conhecidos, observar os desejos do irmão, caso – ainda em vida – tenha feito algum específico, cuidar dos *comes e bebes*, comportar as visitas, e cuidar especialmente dos parentes, dando-lhes de comer e estando próximo para que não se *apaixonem*²³, não sucumbam à dor do luto.

Outrora, as pessoas da comunidade davam banho no corpo, com zelo. As vestes geralmente eram escolhidas pelo indivíduo ainda com saúde e guardadas especialmente para o dia de *ver Deus*. Mas, com o advento dos planos funerários, essa tradição foi acabando e, atualmente, *ajeitar o corpo* deixou de ser obrigação da comunidade.

– *Olha como o finado está satisfeitin', comadre Maria?*

– *Sim, comadre Cida, ele está feliz. Olha pra senhora ver!*

Na hora da morte, um tição ou vela acesa deveria ser colocado na mão do moribundo afim de animá-lo a confessar-se, imediatamente, e renovar a sua fé em Deus. Esse ritual é sinal de *“uma boa partida!”*.

Hodiernamente, morrer no hospital passou a ser mais comum. Quando assim acontece, a comunidade se reúne antes do corpo chegar e começam os preparativos. *“Dois momentos são por demais doloridos: a chegada e a saída do corpo.”*

No terreiro da casa/porta de chegada, uma fogueira é acesa. É para aquecer os irmãos que velam de madrugada, e fazemos memória dos feitos do irmão que expirou. Quantas fogueiras esquentamos juntos: fogueiras de São João, fogueiras dos velórios que participamos. Mas hoje ela não está aqui sentada para se aquecer ao nosso lado... nós estamos aqui ao redor

²³ Essa expressão significa “morrer de amor”. É comum dizer: “eu quase me apaixonei”, ou seja, quase morri de amor.

desta fogueira – que ilumina e incendeia nosso afeto – para honrá-la e lamentar a sua perda:

Foi a maior benzedeira²⁴ de todos os tempos – só fez o bem – uma pessoa que marcou essa terra e deixa saudades; que mulher honesta, trabalhadora, guerreira e santa! Ela se foi tão cedo. Que Deus a tenha nos braços, no Paraíso, e lá na eternidade continue a rogar ao Pai do Céu por nós.

Além do café que hoje é coberto parcialmente pela funerária, a família – por intermédio dos *bastiões* – realiza um banquete. Haverá quitandas, café e outras bebidas durante toda a madrugada; ainda é comum o rito de tomar a *cachaça do defunto* e vinho, também será servido almoço completo; essa última refeição deverá ser consumida antes do sepultamento. A comensalidade, nesse dia, não tem a finalidade de saciar a fome; é um senso de dever coletivo; é a última vez que vemos o corpo do irmão; entramos na sua casa para compartilhar; uma festa sem alegria, mas ainda assim é *encontro* da comunidade. Não podemos fazer desfeita.

– *Você não vai comer?*

– *Estou sem fome.*

– *Uai, meu filho, tem que comer se não faz mal, uê; ninguém aqui tá com vontade de comer; mas devemos comer por respeito. Come logo, pois depois que o corpo sair, não devemos comer mais nada! Escutou?*

Depois do almoço, todos se reúnem para as exéquias. Após a reza, cantam-se músicas propícias; enquanto isso, os parentes, afilhados e amigos beijam os pés do irmão morto (ou simplesmente fazem o gesto); todos se emocionam.

Dada a hora de fechar o caixão, o motorista da funerária pergunta se alguém ainda de-

24 Alusão a Alice Borges Vaz, gostava de ser chamada de Bia, minha querida e amada avó materna. Católica, benzedeira, parteira, mãe, avó, bisavó, de personalidade cristalina, uma mulher ímpar: santa!

seja ver o corpo, coração aperta de dor, nesta hora só os abraços calorosos dos amigos são capazes de minimizar o buraco que fica naquela casa, naqueles corações. E o vazio que fica na comunidade? Pessoas em prantos depois de ficarem sem lágrimas por um tempinho no velório – antes parecia até uma anestesia geral –, mas agora a cena do caixão fechando escancara a realidade: “*Seu Geraldo²⁵ morreu de verdade, Meu Deus do Céu!*”

Na saída do caixão, vários amigos arrumam caminhonetes²⁶ para acompanhar a translação do corpo até o Cemitério da Boa Morte, em Chapada. Nem todos conseguem ir, mas um grupo fica responsável para sepultar o corpo do irmão. Lidar com a morte é um processo que demanda tempo e cuidado. Esse fenômeno tem o poder de causar e reinflamar feridas na alma.

As inúmeras experiências de infortúnios ao longo dos anos tornam-se parte do repertório musical das comunidades quilombolas: Quem disse que não se pode cantar a dor e, mais ainda, exultar com as nossas canções?



*Eu vou cantar meu caboclo debaixo do pé de alecrim
'Eles estão' querendo me matar
e jogar no surubim
eu não tenho pai,
eu não tenho mãe,
mas eu tenho os meus parentes por mim
eu não tenho pai,
eu não tenho mãe,
mas eu tenho os meus parentes por mim*
(Música do Coral Caboclo Surubim²⁷, Comunidades Poções e Alves)

25 Seu Geraldo Costa, tocador de pandeiro, morreu no dia 08/01/2021, sexta-feira.

26 Caminhonetes são os veículos utilizados, pois é possível transportar bastante pessoas na parte traseira desse tipo de transporte.

27 Uma apresentação cultural do grupo Caboclo Surubim, deste ano, publicado pelo canal Macucultura, em que representantes contam a história da música que dá nome ao coral, está disponível em: https://youtu.be/l0xk0L_kloA. Acessei o referido vídeo em: 03/08/2021.



Peneirei fubá, fubá subiu
eu tornei peneirar, fubá caiu
Ai, ai, ai, foi ela quem me deixou
Ai, ai, ai, por ela tenho amor.



Cecília morreu ontem, ontem mesmo enterrou
Na cabeça de Cecília nasceu um pé de flor;
Cecília meu bem, Cecília meu xodó. (2x)
Chorou pra ir mais eu; eita pena, eita dó. (2x)



Sétimo dia do falecimento, a comunidade se reúne na residência enlutada para a oração do terço, “rezado um pouco mais baixo em respeito ao luto daquela casa.” Neste dia serão servidos *comes e bebes* enquanto compartilhar-se-ão lágrimas, silêncio, abraços...

E essa derradeira festa aqui, é que é o fim da nossa vida. Tem a mesma festa – que esses tempos pra trás não tinha não, mas agora tá tendo –. Tem a mesma bebida, a mesma comida – só que é diferente –, mas agora diferenciou que até carne eles estão dando quando morre uma pessoa – que não dava, né? –. Hoje tá dando! Que quando era, era só a bebida e o almoço, né, que dava para os que vinha visitar ou passar a noite mais a gente com o defunto. Tinha o almoço mais a bebida que era a noite toda, né. Por isso que é quatro festas: é três festas de alegria – que é o nascimento, o batismo e o casamento – e essa derradeira aqui, é o fim da vida, né. É quatro festa pra nós! (Sra. T)

Não importa quantas vezes tenhamos que atravessar o vale da morte, luto sempre será dor extrema capaz de abalar o recôndito do ser de quem verdadeiramente ama. “Por quê? Por quê? Ó meu Deus, por quê?”. É uma ocasião para pensarmos na vida, tão efêmera, e nos agarramos nas mãos de “Quem mais pode: O Papai do Céu”. Sim. A perda da pre-

sença física do irmão é um convite a pensar na nossa própria morte, “*mais cedo ou mais tarde será a minha vez; oxalá meu coração esteja preparado*”.

Quem pode dizer que luto é só mar de dor quando há claramente um objetivo espiritual intrínseco? Que propósito ontológico é este? Através do luto, nossas chagas abertas são enfaixadas pelos cuidados daqueles que socorrem-nos, esperando com paciência o tempo propício para a cura daquele *buraco* que pode ou não *cicatriz*ar, entretanto pode ser reconstituído com o amor e a presença da comunidade. Dessa maneira, somos reconduzidos ao cais, porto seguro da consolação.

Saberes em diálogo

No presente artigo buscamos realizar um mergulho profundo em práticas tradicionais da comunidade quilombola Córrego do Cuba que envolvem os processos de nascer, adoecer e morrer. Em consultas às principais bases de dados, é possível perceber que a realidade social das comunidades quilombolas brasileiras tem sido cada vez mais documentada e analisada sob diferentes prismas. A título de exemplo, há reflexões voltadas para questões históricas, identitárias e políticas concernentes ao movimento quilombola brasileiro (SOUZA, 2008), pesquisas que tematizam o acesso à educação (MIRANDA, 2012) ou as condições sanitárias e de acesso à saúde pública (GOMES et al., 2013). Alguns autores se debruçam sobre especificidades etnobotânicas dos saberes tradicionais (MASSAROTTO, 2008) ou sobre as relações entre saúde e meio ambiente (ZANK; ÁVILA; HANAZAKI, 2016).

Revisando a produção nacional sobre a saúde dos quilombolas, Cardoso, Melo e Freitas (2018) encontraram 27 artigos publicados de 2004 a 2015 e concluíram que as publicações ainda são escassas, indicando a impor-

tância de mais estudos que evidenciem esses povos, seus problemas e necessidades. Num recorte mais próximo ao nosso, pesquisas de cunho etnográfico também evidenciaram a importância da memória coletiva e dos saberes relacionados à religiosidade e aos processos de cura em comunidades quilombolas brasileiras (PINHEIRO, 2019; LIMA; RUBERT, 2020).

Quando a mirada à realidade social quilombola parte de geógrafos, é comum o reconhecimento do sentimento de topofilia, afetividade ao lugar (PIRES, 2018; ITABORAHY; TEIXEIRA, 2009; PINHEIRO; SAHR, 2016). Também em nossa pesquisa, identificamos um forte vínculo entre topofilia, pertencimento e saberes tradicionais na experiência dos cubanos chapaenses. Segundo o geógrafo e fenomenólogo Tuan (2012, p. 144): “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”. Assim sendo, destacamos a espiritualidade e o fazer memória como elementos estruturantes da comunidade Córrego do Cuba e de seus saberes tradicionais ligados aos momentos do nascimento, adoecimento e luto.

Um ponto interessante é que pesquisas que tematizam as festividades quilombolas, como a de Santos (2013), em geral se ocupam das celebrações de cunho religioso que marcam o calendário anual. Não encontramos investigações que, como a nossa, tenham descrito saberes e práticas tradicionais que se traduzem em festejos ligados aos eventos marcantes da biografia dos membros da comunidade.

Concluindo...

Como disse no início, a partir desta pesquisa revivi cenas da minha história; recordei acontecimentos da minha infância; escutei, acolhi e anotei os causos a mim confiados; fizemos memória, e pude redescobrir o significado de ser comunidade: não viver sozinho nem para si mesmo, conviver!

Os três momentos tematizados, nascimento, adoecimento e luto – a tríade da vida – marcam a nossa vida pessoal e comunitária. E manifestam-se, na vivência coletiva, como uma festa. Um elemento comum a esses acontecimentos é a comensalidade, a partilha. No nascimento e no luto há um grande banquete, muita comida, muita bebida; e não pode faltar a pinga. No nascimento é a *queimada*; no luto, cachaça do defunto. Tanto no adoecimento quanto no luto, muitas orações, promessas, devoções, lágrimas, cânticos que nos fazem chorar. Por vezes nas visitas e rezas ao enfermo, um pouquinho de vinho aos que bebem. Tudo isso é vivido e praticado pelos mais velhos como um ritual, pausadamente, silenciosamente. Mistério. É pelo irmão que sofre e nós sofremos com ele! E se o pior acontece, todos ficam de luto, vamos à casa do irmão para chorar a sua perda física. Ao redor, os homens contando os causos e os feitos do irmão que foi chamado por Deus; memórias, saudade; enquanto os *comes e bebes* são servidos pois é a celebração da páscoa do irmão!

Assim, esses três momentos são, cada um à sua maneira, momentos de festa que reafirmam a unidade e reúnem a comunidade. Compreendemos que os saberes tradicionais buscam dar conta da complexidade da vida que é festa e dor, sem esquecer de nenhum elemento em nenhum momento. A modernidade trouxe os saberes médicos para os três momentos, e a comunidade acolhe a modernização, lembrando os fazeres antigos e dialogando com as novidades, sem perder sua essência.

Referências

ALES BELLO, Angela. **Fenomenologia e ciências humanas**: psicologia, história e religião. Organização e tradução de Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru: Edusc, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como

fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura: Revista de Ciências Sociais**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sec.v10i1.1719> Acesso em: 25 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. Portaria n.º 78 de 13 de fevereiro de 2017. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 fev. 2017. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-78-de-13-de-fevereiro-de-2017-20463290>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Estratégica e Participativa. **Caderno de educação popular em saúde**. Vol. 2. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CARDOSO, Clarissiane Serafim; MELO, Letícia Oliveira de; FREITAS, Daniel Antunes. Condições de saúde nas comunidades quilombolas. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, v. 12, n. 4, p. 1037-1045, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i4a110258p1037-1045-2018> Acesso em: 25 jul. 2023.

GOMES, Karine de Oliveira *et alli*. Utilização de serviços de saúde por população quilombola do Sudoeste da Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, p. 1829-1842, 2013. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00151412>

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. Tradução de D. F. Ferrer. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Censo 2010**. Brasília: Autor, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/chapada-do-norte/panorama?detalhes=true>. Acesso em: 25 jul. 2023.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS [IEPHA]. **Dossiê de Registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte**. Belo Horizonte: Autor, 2018. V. 2. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/component/phocadownload/%20category/19-festa-dos-homens-pretos-chapada-do-norte>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ITABORAHY, Nathan Zanzoni; TEIXEIRA, Tiago Bustamante. Análise Geográfica de uma propriedade quilombola: uma discussão sobre Etnografia, produção e espaço. **Encuentro De Geógrafos De América Latina**, XII, 2009, Montevideo. **Anais eletrônicos...** Montevideo: EGAL, 2009. p. 105.

LIMA, Maitê Santos de; RUBERT, Rosane Aparecida. Comunidade quilombola Nicanor da Luz: reconstituição da memória coletiva. Congresso de Extensão e Cultura - UFPEL, VII, 2020, Pelotas. **Anais....** Vol. 3. Pelotas: UFPEL, 2020. p. 199-202.

MASSAROTTO, Natália Prado. **Diversidade e uso de plantas medicinais por comunidades Quilombolas Kalunga e urbanas, no nordeste do Estado de Goiás – GO, Brasil**. 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Pós-Graduação em Ciências Florestais, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MIRANDA, S. A. Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 369-383, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000200007> Acesso em: 25 jul. 2023.

PINHEIRO, Eva Maria Dutra. **Comunidade Quilombola Nicanor da Luz**: uma etnografia sobre saberes tradicionais e religiosidades. 2019. 195 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

PINHEIRO, Zairo Carlos da Silva; SAHR, Cícilian Luiza Löwen. Imaginário e espacialidade vivida em narrativas quilombolas, Pimenteiras do Oeste–Rondônia, Brasil. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 160-176, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ag.v10i1.35129> Acesso em: 25 jul. 2023.

PIRES, Hamilton Pimentel Lopes. **A categoria lugar**: uma abordagem a partir da perspectiva dos quilombolas de Buriti do Meio no Norte de Minas Gerais. 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2018.

SANCHIS, Pierre. Cultura brasileira e religião... Passado e atualidade. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 19, p.

71-92, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-45192008000200005> Acesso em: 25 jul. 2023.

SANTOS, Maria Walburga dos. Festas quilombolas: entre a tradição e o sagrado, matizes da ancestralidade africana. **Revista HISTEDBR On-Line**, Campinas, v. 13, n. 50, p. 286-300, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rho.v13i50.8640309> Acesso em: 25 jul. 2023.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, São Paulo, v. 24, p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972> Acesso em: 25 jul. 2023.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se**: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro. 2008. 204 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

STEIN, Edith. Estructura de la persona humana. In: STEIN, Edith. **Obras completas. v.IV**: escritos antro-

pológicos y pedagógicos. Tradução de F. J. Sancho e col. Vitória: El Carmen, 2003, p. 555-749.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. 57-72, 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14258/9483>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ZANK, Sofia.; ÁVILA, Julia Vieira da Cunha; HANAZAKI, Natalia. Compreendendo a relação entre saúde do ambiente e saúde humana em comunidades Quilombolas de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 157-167, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1983-084X/15_142 Acesso em 25 nov. 2022.

Recebido em: 18/05/2024

Revisado em: 20/11/2024

Aprovado em: 27/11/2024

Publicado em: 30/11/2024

Andersson José Aparecido de Oliveira é bacharel em humanidades e graduado em fisioterapia pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Membro do Grupo de Pesquisa GHUAPO – Geografia Humanista, Arte e Psicologia Fenomenológica. *E-mail*: andersson.oliveira@ufvjm.edu.br

Camila da Silva Costa é graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. *E-mail*: camila.silva@ufvjm.edu.br

Yuri Elias Gaspar é doutor em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorando em sociologia pela Università di Bologna (Itália). Professor Adjunto da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Líder do Grupo de Pesquisa GHUAPO – Geografia Humanista, Arte e Psicologia Fenomenológica. *E-mail*: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br

Roberta Vasconcelos Leite é doutora em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutoranda em sociologia pela Università di Bologna (Itália). Professora Adjunta da Faculdade de Medicina do Campus JK e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Membro do Grupo de Pesquisa GHUAPO – Geografia Humanista, Arte e Psicologia Fenomenológica e do GEPS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Psiquiatria, Saúde Mental e Educação para as Profissões da Saúde. *E-mail*: roberta.leite@ufvjm.edu.br